

A vida pensada a partir da morte

Maria Inês Rauter Mancuso

Departamento de Sociologia, do Centro de Educação e Ciências Humanas,
Universidade Federal de São Carlos. Brasil.

inesmancuso@gmail.com

Resumen

Neste estudo, reflito sobre o significado social da morte: especificamente como a presença sentida da morte pode ressignificar a própria vida, pode afetar as representações daquilo que é vivido. Como, portanto, a morte compõe quadros sociais da memória e, assim, é representação também. As narrativas a partir das quais se pensou nessa presença da morte fazem parte das narrativas obtidas quando da pesquisa para o doutorado, cujo tema básico foi a representação das cidades pela memória de velhos moradores. As entrevistas, em número de trinta, foram realizadas durante 1997, em municípios da região central do Estado de São Paulo, no Brasil. Os narradores das cidades eram velhos que tinham ficado adolescentes na primeira metade do século XX. A discussão da memória e as narrativas obtidas pelas lembranças conformavam o foco central do trabalho. Em uma e em outra questão – memória e narrativas – a presença da morte era uma constante. Não somente a morte física, anunciada por um corpo cada vez mais débil, cansado, mas a morte de um mundo social, de um jeito de viver, que se expressava na morte dos amigos e parentes que eram apoio à memória e, conseqüentemente, à contínua construção da identidade.

Abstract

In this study, the social significance of death is reflected upon; specifically, the study looks at how feeling the presence of death can allow the reinterpretation of one's own life and affect the representation of life experiences. Therefore, death is part of the social framework of memory, and is thus a representation as well. This reflection on the presence of death is based on narratives that were obtained during doctoral research, whose basic theme was the representation of cities in the memory of elderly residents. Thirty interviews were carried out in 1997 in municipalities of the central region of São Paulo state in Brazil. The narrators were elderly men and women who were adolescents during the first half of the 20th century. This work focussed on the discussion of memory and the narratives obtained from memories. A recurring theme in both areas -memory and narratives- was the presence of death. This presence was not only physical death, foretold by an increasingly tired, frail body, but also the death of a social universe and a way of life that was expressed in the death of friends and relatives who contributed to memory and, consequently, to the continued construction of identity.

Introducción

Neste estudo, proponho refletir sobre o significado social da morte: não sobre as representações da morte e nem sobre as formas sociais de cultuá-la, mas como a presença sentida da morte pode ressignificar a própria vida, afetando as representações daquilo que é vivido. Proponho discutir, portanto, como a morte compõe, dado que é plena de significados sociais, os quadros sociais da memória e a memória coletiva. As narrativas a partir das quais se pensou nessa presença da morte fazem parte das narrativas obtidas em uma pesqui-

sa cujo tema básico foi a representação das cidades pela memória de velhos moradores. As entrevistas, em número de trinta, foram realizadas durante 1997, em municípios da região central do interior do Estado de São Paulo, no Sudeste do Brasil, região que se desenvolveu economicamente principalmente a partir do final do século XIX, com a cafeicultura. Os narradores das cidades eram velhos que tinham ficado adolescentes na primeira metade do século XX. Portanto, pessoas que tinham visto a transformação do Estado, de rural para urbano. As

peçoas que nasceram e se tornaram adolescentes ou adultos na primeira metade do século, em um Estado rural, passaram a viver, adultos em um estado urbano. É como se fossem migrantes sem ter saído do lugar.

A pergunta a orientar a pesquisa foi, portanto, como tudo isso era pensado, sentido, representado, narrado por velhos moradores.

O lócus da memória

Entre 1880 e 1910, os pioneiros cafeicultores avançaram pelo interior do Estado, em direção a oeste, ocupando principalmente a região central do Estado. Com a expansão da cultura cafeeira, dois outros fatos de importância marcaram a história do Estado: a implantação das ferrovias e a chegada de migrantes, em especial italianos. A ferrovia foi um negócio dos fazendeiros de café, para servir aos seus interesses o que explica os trajetos das linhas férreas, seguindo sempre a linha de expansão da cultura cafeeira. As marcas no espaço traçadas por essas linhas determinaram posteriormente as primeiras localizações das estradas de rodagem, indicando que “as vias de comunicação não passam de leitos que a corrente regular das trocas e das migrações, caminhando sempre no mesmo sentido, cavou para si própria.” (Durkheim, 1963: 11)

O cultivo mais amplo do café a partir de 1840 e a construção das ferrovias a partir de 1860 coincidiram com a abolição do tráfico de escravos africanos. A primeira experiência com trabalhadores livres migrantes europeus ocorreu a partir de 1845 quando Nicolau Vergueiro trouxe 64 famílias alemãs –432 pessoas– da Prússia, Baviera e Holstein, para a Fazenda Ibicaba no município de Limeira. As condições contratuais eram duras, a vida não era muito diferente da dos escravos; o isolamento era extremo, pelas condições ambientais e pelas diferenças culturais. Entre os migrantes, muitos não sabiam lidar com a terra e trabalhavam como artesãos: carpinteiros, tanoeiros, seleiros, pedreiros e ferreiros. Apesar das dificuldades, a migração se impôs. Em 1886, foi fundada a Sociedade Promotora de Imigração. Em 1887, a Assembléia Provincial aprovou um contrato que introduzia número significativo de imigrantes. Em 1888 entraram em São Paulo 33.163 imigrantes subsidiados. Até 1900, 863.000. O número de entradas diminuiu com a baixa dos preços do café no início do século, e tornou a subir quando foi deflagrada a Primeira Guerra Mundial: em 1913, chegaram 119.758 imigrantes (Monbeig, 1984: 147). De 1920 a 1940 chegaram 1.431.786

imigrantes. Nem todos ficaram na lavoura do café: pesquisas indicavam que, em 1922, nela ficaram 44% dos imigrantes (a mais baixa porcentagem) e, em 1926, 68,4% (a mais alta porcentagem). Parcela não ficou em São Paulo e parcela foi para as cidades (Monbeig, 1984: 148), onde abriram pequenas indústrias. Parte dos imigrantes foi trabalhar nas ferrovias, às quais era proibido o uso de mão-de-obra escrava (Segnini, 1982: 36).

Assim, o Estado foi se povoando e se formando marcado pelo café, pela ferrovia e pela migração. As casas das cidades e das fazendas começaram a ostentar os novos materiais possíveis de serem importados pela ferrovia e que expressavam estilo e valores europeus, assumidos como referência: o vidro, a grade de ferro, madeiras serradas em bitolas comerciais, papéis de parede, azulejos, telha francesa, telha de ardósia. O tijolo se impôs como material básico de construção em substituição à taipa de pilão. Por todos estes novos materiais, compreende-se “a carreira fulgurante do frentista e o prestígio do artífice italiano, mais aparelhado do que o espanhol e o português na manipulação deste gênero de trabalho” (Saia, 1995: 215). Não é, portanto, só uma imigração de mão-de-obra, mas de estilo de vida, de valores estéticos, de jeito de morar e de comer. Nesses tempos, surgiram a energia elétrica e os bondes, o cinema, o fonógrafo, banheiros de chuva (atualmente, chuveiro), automóveis, jardins públicos e footing, bicicleta e velódromos, telégrafo e telefone. Medidas de higiene pública e privada: propagavam-se sabões de “segura eficácia nas dores rheumáticas, nevralgia, queimadura, picadas de animais venenosos, frieiras, etc.” (Correio de São Carlos, 2 de dezembro de 1900). Passaram a ser consumidos, arroz estrangeiro e nacional, bacalhau, vinho em quartola, sorvete, gelo e cerveja sempre gelada. Para roupas: cassas, fustões e zefir escocês. Rio e São Paulo, França e Itália passaram a ser referência da roupa de moda, dos perfumes, do bom sapato e do bem comer. A cidade se fazia e se consumia com o olhar, o ouvir, no tato, no gosto e nos cheiros.

Nas primeiras décadas do século XX, porém, a região do Estado mais a Oeste, em direção ao Estado de Mato Grosso, ainda aparecia identificada nos mapas como “terras desconhecidas habitadas por indígenas”. Apenas com a grande crise do café nos anos 30s do século XX, a ocupação mais intensiva, liderada pela ferrovia, se processou. À economia do café, se sucedeu à indústria e o Estado que, até a década de 50 do século XX, apresentava uma

população predominantemente rural, se urbanizou rapidamente.

A presença da morte 1

Em uma e em outra questão postas pelos objetivos – memória e narrativas – a presença da morte era uma constante. Não somente a morte física, anunciada por um corpo cada vez mais débil, mas a morte de um mundo social, de um jeito de viver, que se expressava na morte dos amigos e parentes que, por serem comunidade de ouvintes, eram apoio à memória e, conseqüentemente, de contínua construção da identidade.

Norbert Elias afirma que a dificuldade em enfrentar a morte, de incorporar o sentimento de finitude à vida, pode determinar a solidão dos moribundos e dos velhos que carregam em seu corpo a expressão visível dessa proximidade com a morte (Elias, 1989), dificuldade que teria aumentado nas sociedades contemporâneas. A relação entre morte e narrativa é ressaltada por Benjamin (1975: 71) o qual afirma que, na origem da narrativa, existe a autoridade da morte.

Não apenas o conhecimento ou a sabedoria do indivíduo, mas principalmente a sua vida vivida – a matéria formadora das histórias – assume formas transmissíveis, especialmente notáveis no moribundo. Assim como no fim da vida uma seqüência de imagens se põe em movimento no íntimo da pessoa – composta das suas opiniões acerca dos outros e de si mesmo – , cristaliza-se repentinamente em sua mímica e seus olhos aquilo que lhe é inesquecível, atribuindo a tudo que é do seu interesse aquela autoridade de que todos, mesmo os mais pobres diabos, dispõem na hora da morte, perante os vivos. Na origem da narrativa existe esta autoridade .

De um lado, portanto, a memória individual tem, na morte próxima, um estímulo importante. De outro, ela se ressentida, dado que vão-se as pessoas que são apoio à nossa memória e, portanto, com as quais reconstruímos cotidianamente nossa identidade, ou, as representações que fazemos de nós mesmos. Durante o trabalho de investigação, presenciei o encontro entre dois homens com mais de 85 anos de idade no dia de aniversário de um deles. Os dois eram amigos desde a infância, viveram sempre próximos na mesma cidade, participaram, lado a lado, de muitas lutas pela construção da cidade. Faziam parte, portanto, de uma unidade de geração particular. O aniversariante, ao receber os cumprimentos, disse: “Estamos ficando isolados. De nossa geração já se foram uns 50.” Ao perceber

meu olhar de constrangimento, porque me senti, repentinamente excluída, o outro respondeu ao colega e ao meu olhar: “É isto realmente. Está diminuindo o número dos que falam a nossa linguagem.” É como se houvesse uma comunidade invisível aos olhos que se manifestava por um significado afetivo e valorativo que diferenciava as palavras de sempre.

Não é só, portanto, pela ausência física que os mortos se fazem sentir mas pela sua presença cada vez mais intensa na memória. Em suas reflexões sobre a velhice, Bobbio ressalta que nos “lugares da memória, os mortos perfilam-se em torno de nós em número cada vez maior. A maior parte dos que nos acompanharam já nos abandonou. Mas não podemos apagá-los como se nunca tivessem existido” (1997: 31). Continua: “a vida não pode ser pensada sem a morte. [...] Levar a vida a sério significa aceitar firmemente, rigorosamente, da maneira mais serena possível, a própria morte” (1997: 40). Afirma

da minha morte só os outros podem falar. Posso contar minha vida através das recordações minhas e daqueles que me foram próximos [...] Posso contá-la até os últimos minutos. Não posso contar minha morte. Só os outros podem fazê-lo [...] Minha morte é imprevisível para todos, mas para mim é também indizível (36-37).

A iminência da própria morte também afeta a narrativa e as lembranças. Lembro-me que, no início dos anos noventa do século XX fui visitar o avô de uma amiga. Descendente de italianos, ele, na época com 96 anos, ainda conseguia distinguir o passado do presente. Naquele dia, ele novamente começou a contar, com muita energia e vontade, as histórias da família. Fiquei ouvindo-o por uma hora mais ou menos. Tentei então cortar a conversa e me despedir. Precisava trabalhar. Quando tentei me levantar, ele segurou firmemente meu braço direito com a mão esquerda, a ponto de me paralisar no gesto. Perguntou-me ríspidamente: “E agora, o que faço com as minhas histórias? Se eu morrer sem contá-las, com quem elas ficam?” A iminência da própria morte pode ser um fator que selecione, entre tantas lembranças, as que se quer deixar de herança. Ecléa Bosi (1994: 75) reflete de maneira dura e delicada sobre o tema:

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos va-

lores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes.

Revisando o trabalho: campo e perspectivas teóricas

As lembranças foram coletadas principalmente no primeiro semestre de 1997, depois de um longo período de observação e conversas não sistemáticas, no qual o problema de pesquisa foi se definindo e, com essa definição, foram se definindo também os critérios de seleção dos informantes. O primeiro desses critérios foi o de idade: o interesse voltou-se para pessoas com 70 anos e mais que, além de terem vivido como adultos na década de 50, de intensa urbanização, poderiam também trazer, pela memória familiar, informações da virada e do início do século.

Em geral, quando se trabalha com pesquisa qualitativa recomenda-se que o número de entrevistados seja definido pelo critério de saturação. Nesta pesquisa, o número de entrevistados foi decidido durante a análise: transcritas as entrevistas, passei a analisá-las. Leituras sucederam-se até um momento em que sentia como se os entrevistados, a maior parte desconhecidos entre si, conversavam entre si o que indicava que se estava diante de uma comunidade geracional e que algo as determinava ou pelo menos lhes atribuía significado. “Senão, como explicar que [...] estas vontades particulares, que se ignoram mutuamente, venham, em número igual, conduzir ao mesmo resultado? Não agem, em geral, umas sobre as outras; não existe nenhum acordo entre elas; e no entanto tudo se passa como se obedecessem à mesma palavra de ordem” (Durkheim, 1973: 357). Esse momento foi significativo por demonstrar, de maneira vivida, a não contradição entre indivíduo e sociedade e o quanto a representação individual, mesmo não podendo ser reduzida à representação social, é um caminho para se chegar a ela. Nesse momento, também, decidi parar o campo e me dedicar a essa síntese *sui generis*.

Para reconhecer os quadros sociais da memória e para tematizar as representações da cidade constitutivas da memória, utilizaram-se as pistas sugeridas por Halbwachs (1952). Buscou-se identificar os lugares, as relações, os tempos e os significados. Aqui, vale a pena fazer um parêntese e discutir memória e representação.

Para Halbwachs, toda idéia social é um lembrança da sociedade e o pensamento social é essencialmente memória.

As representações coletivas exprimem a sociedade e resultam da combinação das consciências individuais. O termo representação coletiva é usado, por Durkheim, no mesmo sentido que representação social (Minayo, 2000: 90). Segundo Farr (2000: 44-45), porém, Moscovici distingue representação coletiva de representação social. Representação coletiva expressaria uma realidade social menos complexa, menos diferenciada. “As sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Há, nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente coletivas (Farr, 2000: 45). Durkheim, porém, não estava alheio ao processo de diferenciação. Em ‘A divisão social do trabalho’, reflete sobre a diferenciação da sociedade e sobre o aparecimento do indivíduo nesse contexto, sem reduzir o indivíduo à sociedade. Isso se percebe na discussão da noção de alma. A idéia de alma, para Durkheim, foi durante muito tempo, e ainda continua a ser, a idéia popular de personalidade e de pessoa. A idéia de pessoa é produto de duas espécies – novamente a idéia do duplo – de fatores: um fator impessoal, princípio espiritual que serve de alma à coletividade e que faz parte do patrimônio coletivo, e um fator de individualização que fragmenta aquele princípio e o diferencia. Para Durkheim, esse fator de individualização é o corpo. “Como os corpos são distintos uns dos outros, como ocupam pontos diferentes do tempo e do espaço, cada um deles constitui um meio especial onde as representações coletivas vêm se retratar e se colorir diferentemente.” (Durkheim, 1989: 331-332). “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...] este ponto de vista muda segundo o lugar que ali eu ocupo [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho” (Halbwachs, 1990: 51).

A sociedade organiza-se em nós de maneira duradoura, suscitando todo um mundo de idéias e sentimentos que a exprimem, mas que, ao mesmo tempo, são parte integrante de nós mesmos. Para Durkheim, “as representações são a trama da vida social e são, também, a trama de nossa vida interior” (Durkheim, 1989: 322-323). Referindo-se a Halbwachs, Duvignaud afirma que o “eu” e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: uma que se atem aos aspectos vivos e materiais da lembrança, o tempo presente, e aquela que reconstrói o que é

do passado (Duvignaud, 1990: 13), expressando a contínua atualização da memória e da identidade.

Retornando, a primeira tarefa, portanto, foi distinguir, no texto, o que seria quadro social da memória e o que seria constitutivo da memória, um e outro definidos como representação. A segunda tarefa foi distinguir lugares, relações e tempos nos quadros sociais da memória e na própria memória.

Nessas tarefas, em especial no que se referia a lugares, uma vez mais se recorreu a Durkheim. E, nessa recorrência, encontrou-se novamente no ponto de intersecção entre indivíduo e sociedade. Se o corpo é o fator de individuação, o corpo é o lugar por excelência. Nele acontece a memória individual que vai ser um ponto de vista da memória coletiva. O corpo que lembra, porém, é um corpo no qual se evidenciam as marcas do tempo. É um corpo que lembra a morte de alguns e presente a própria morte. E é essa morte, mesmo que não vivida, que se transforma em importante quadro social da memória.

A presença da morte 2

A morte, como se disse, é uma presença constante. A morte de quem relata, a morte daqueles sobre os quais se falam. A morte preenche os vazios e os silêncios.

Os sons suscitam lembranças, o silêncio também. A cidade é mais silenciosa à noite, segundo os entrevistados, em especial para aqueles que vivem sós pela perda da companheira. Os sons e o movimento das ruas preenchem o dia e a mente; o silêncio e o vazio da noite suscitam as lembranças.

Vivemos juntos 61 anos. [...] Agora esses três anos, desde que ela morreu, só eu sei o que estou passando, sozinho aqui a noite inteira. Quando é de dia ainda vai, porque de dia eu me distraio, sento na área, vejo o movimento da rua. Mesmo de noite, até oito e meia, nove horas, dez horas da noite. Mas depois, quando cessa o movimento da rua, que fica aquele silêncio e a gente se lembra dela... [a voz para, emudece, o semblante se entristece] (Sr. João, 90 anos).

Sons e silêncio não são, portanto, absolutos. No barulho, pode-se perceber o silêncio; no silêncio, escutam-se vozes. “ Já enterrei meu pai, minha mãe, minha mulher. Estou doente. Não sei como resistir” , disse-me o senhor Miguel. Continuou:

São muitas as lembranças. Elas vêm à noite. Você já ouviu a voz do silêncio? À noite, quando a escuto, não consigo dormir. Então eu trabalho, escrevo, vejo as fotografias. Tento organizar as lembranças. Se vêm

páginas tristes, tento virá-las rápido, gosto das lembranças boas (Sr. Miguel, 74).

A necessidade de ter a quem se referir para localizar lembranças, para conferir informações, para recuperar a origem e, dessa forma, reafirmar o sentimento de pertinência a um grupo e a um lugar e, portanto, de reafirmar e negociar o sentimento de identidade, demonstra o significado social da geração e, conseqüentemente, do nascer e do morrer. Quando uma pessoa mais velha morre, morre com ela um pouco da memória de um grupo, vai-se com ela um pouco da história dos que permanecem vivos. Quando alguém nasce, reafirma-se o sentimento de continuidade do grupo familiar. O significado da morte e o do nascimento ficam mais intensos quando os dois fatos se entrecruzam. A primeira bisneta do senhor Victório nasceu na véspera do dia em que ele morreu, em um dia de março. Na véspera, o senhor Victorio recebeu a notícia, por telefone, sentado no sofá, os pés inchados pois os rins já haviam se destruído. A bisneta iria receber o nome dele. Ele sorriu e lembrou-se do dia do nascimento da filha mais velha que estava se tornando avó. Havia, no jeito de lembrar, a superposição e o suceder de gerações, tendo, como pano-de-fundo, a ferrovia e o café, fatores que levaram ao desenvolvimento do interior do Estado de São Paulo, a partir do final do século XIX.

Quando a Toninha nasceu, quem me trouxe a notícia foi meu pai. Coitado! A notícia veio de estação para estação. Meu pai me procurou no trabalho para me dar a notícia. É, a vida passa!.... Que Deus proteja a Alessandra [a mãe da bisneta] e essa criança que nasceu.[...]. O telefone, naquela época, era muito ruim e a Paulista tinha um telefone bom, perfeito. Tinha um telefone chamado fonopoli. Com aquele telefone se comunicavam todas as estações. E tinha uma turma de funcionários treinados para manter a eficiência do aparelho. Hoje acabou a estrada de ferro. Não tem mais (Sr. Victório, 87).

As lembranças continuaram: vieram as parteras, os médicos e a escola dos tempos de menino e juventude. Da escola, lembrou-se de uma poesia de Olavo Bilac, poeta parnasiano brasileiro, nascido em 1865 e morto em 1918. A poesia, *O caçador de esmeraldas*. Relata a epopéia de um bandeirante, Fernão Dias Paes (1608-1681). À diferença de outros bandeirantes que, saindo de São Paulo, entravam pelo interior do Brasil, desbravando os sertões, em direção às regiões onde estão atualmente os Estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, procurando ouro, Fernão Dias procurava esmeraldas. Ele comentou a poesia e a recitou resumidamente com voz emocionada,

Me lembro de uma poesia do Olavo Bilac. Sobre os bandeirantes. Estamos em março, por isso me lembro da poesia. A poesia dizia: foi em março, quase ao final das chuvas que Fernão Dias Paes entrou pelo sertão. E depois continuava a descrever as aventuras de Fernão Dias. As peripécias, o delírio. Ele só via pedras. Depois trouxe as pedras para São Paulo e não eram esmeraldas. Eram simples cristais. Na viagem foi acometido por uma febre e durante a febre foi acometido por sonhos. Ele inicia a viagem movido por sonhos e reencontra seus sonhos nos delírios (Sr. Victório, 87).

Na poesia, sonhos e agonia se encontram em março. Na trajetória de Fernão Dias, cantada por Bilac, primeiro vieram os sonhos acordados a impulsionar a caminhada; em seguida a selva, a floresta por sete anos; aí a febre, a agonia e o “último olhar ao firmamento [...] devorando as estrelas [...] e nunca mais, nunca mais há-de vê-las”; depois, o delírio, a mão agitada, a solidão, o tesouro falso e uma voz que lhe fala, reconciliando a vida à morte, ao dar significado à morte pelo que fez da vida: “Nesse louco vagar, nessa marcha perdida, tu foste, como o sol, uma fonte de vida: cada passada tua era um caminho aberto! [...] Morre! Tu viverás nas estradas que abriste! [...] Violador dos sertões, plantador de cidades” Por fim, a morte.

No relato da vida e da morte, suscitado pela tensão entre o nascimento e a agonia, a alegria e a tristeza, uma série de símbolos da época em que ele viveu e que se extinguiu apareceu: o café e a ferrovia, o telefone, as cidades e os bandeirantes, o caminhar (a migração) e os sertões, o trabalho. No relato, vida e morte se entrelaçam: a vida continuando após a morte nas obras produzidas pelo trabalho e pela família e assim dando significado à morte. Sempre, porém, a sensação de finitude trazida pelo verbo no passado: de um jeito de nascer, da estrada de ferro, de um grupo de funcionários, de um jeito de ensinar e aprender. Em março, Fernão Dias morreu; em março, morria o senhor Victório. Sem poder falar sobre a própria morte, a ela o senhor Victório se referiu lembrando a poesia.

A morte pode determinar também o lugar onde se fica, quando se tem que escolher a cidade onde se vai morar com a aposentadoria. Quando se viveu em muitas cidades, e quando cada uma apresenta um fator de atração e é preciso escolher onde morar, a decisão pode ser feita por conta de um fator inesperado, como a morte de um filho e o local onde ele está enterrado. Isso faz rever a tese de Mumford (1982) de que a morte é um fator de fixação e a “cidade dos mortos” um local para onde

se retorna. Assim aconteceu com o Senhor Francisco:

Das cidades pelas quais passei, de solteiro gostei demais de Barretos. De casado, Pontal. Barretos porque era cidadão grande. Comércio bom! Cidade que também gostei quando trabalhei foi Jabuticabal. Cidade das Rosas. Lá onde tem aquela fábrica de macarrão Basilar. Naquele tempo era pequenininha, hoje é um monstro de grande. Pontal era uma cidadinha pequena, pertinho de Ribeirão Preto. Nas folgas, nós íamos para Ribeirão Preto, com o trenzinho da Mojiana, não pagava nada. Nós morávamos no centro, na casa da estrada. Todos os ferroviários unidos ali. Gente muito boa. De solteiro morei lá, fui pensionista de uma dona Ida, gente boa. Nós morávamos no centro, perto do jardimzinho. De noite nós saíamos e íamos lá encontrar com os colegas. Eu gostava demais dali. Um lugarzinho bom para a saúde. Terra roxa, roxa mesmo! Mas a gente gostava demais dali. [...] Depois aconteceu aquilo comigo. Aquilo tudo me segurou aqui. Aquilo danou tudo. Mas parece que Deus olhou pela gente também. Aquilo foi um golpe duro. Aquilo amarrrou nós aqui também. Minha mulher falava de ir embora daqui, eu falava: “Só saio daqui morto”. Depois disso nunca mais tive vontade de ir embora (Senhor Francisco, 80).

“Depois aconteceu aquilo comigo”. Aquilo, a morte do filho, o que não se diz. No relato, a morte faz parte dos interditos, do que precisa ser silenciado pela dor — a morte do filho — mas que pode vir codificado ou subentendido. Pollack (1989), a partir do estudo com pessoas que viveram em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, fala dos silêncios da memória quando essa enfrenta a dor ou dos códigos ou subterfúgios que ela cria para expressar a sua lembrança. No caso do senhor Victório, a alusão à própria morte é feita com a poesia de Olavo Bilac, que morreu, assim como ele, em março; no caso do Senhor Francisco, a expressão “aquilo” dita com os olhos arregalados, brilhantes de emoção, sofridos e apreensivos a olhar para o gravador que lhe gravava a dor, referida à morte do filho. Em um e em outro relato, a morte atribui significado ou à vida ou à cidade.

Para o senhor Luiz, 89 anos, a morte da companheira leva-o a descrever de que o tempo e a vida possam tudo resolver: “Eu não acredito no tempo. Eu não acredito que se possa reorganizar a vida sem o outro, sem o companheiro ou a companheira. A gente vai vivendo e procura viver bem mas não é que se acostume. Casei-me em 1941. Vivemos juntos 53 anos. Casei-me no dia 20 de dezembro, ela entrou em casa em 31 de dezembro.”

A morte é uma ruptura definitiva e implacável de relações. Vão-se com ela o significado da cidade, as referências da memória, as lembranças da cidade vivida, a crença na capacidade transformadora do tempo. Às vezes eu pego as escadas (relação de pessoas que trabalhavam na ferrovia) e começo a riscar aqueles que já faleceram, afirmou o senhor Mário, ao falar da morte dos colegas ferroviários, o que remete a uma prática comum de contabilizar as perdas dos amigos. Busca-se homenagear os amigos mortos e fica-se feliz ao encontrar os que estão vivos. De certa feita, o senhor Pedro ouviu falar com um antigo companheiro de trabalho havia morrido e decidiu ir à casa para o velório: “Eu descí, lá. Desci na casa dele. Usava-se por pano preto na porta. Não tinha pano preto na porta. Bati na porta. (Bate na mesa como se fosse batida na porta) Quem abriu foi ele que disse *Oh, Pedrinho, foi bom você chegar aqui. Têm três relógios parados aí para consertar*. Mal sabia ele que eu fui ver se ele estava morto! Está lá vivo”.

A memória dos velhos moradores das cidades pesquisadas mostra o declínio de um modo de vida. Esse declínio é indicado pelas expressões *tudo se acaba, tempos felizes aqueles, tempos bons*, com as quais se finalizavam trechos de relatos nas entrevistas. Essas expressões indicam também um mundo em transformação que se expressava nas mudanças dos lugares, das relações e, nessas, das pessoas, em especial por causa da morte. Com essas pessoas, os entrevistados haviam compartilhado um tempo vivido e elas haviam conferido um significado especial e único a esses tempos. Mudam-se os outros, mudam-se as referências: muda-se o mundo. Na percepção das mudanças, orgulha-se e se fica feliz com o crescimento e com as melhorias da cidade; entristece-se com a mudança das relações e com a perda de amigos e familiares pela morte.

Todos os entrevistados viveram grande parte da vida em um tempo que identificam, em São Carlos, uma das cidades pesquisadas, com o tempo dos bondes e, em Itirapina, outra das cidades pesquisadas, como o tempo dos trens. No tempo dos bondes e no tempo dos trens, os entrevistados nasceram, cresceram, começaram a trabalhar, se casaram, criaram seus filhos, viram-nos se casar e terem seus filhos e se aposentaram. Aposentados, filhos casados e fora de casa, viram o fim dos bondes — que, em São Carlos, aconteceu em 1962 — e a decadência da ferrovia, mais sentida em Itirapina. O ciclo de vida coincidiu com o ciclo de uma época marcada pelo café, pela ferrovia e pelas migrações.

Isso vai trazer, para os entrevistados, em especial para aqueles que sentem a proximidade da morte, um sentimento forte e vivido de fim de mundo. A agonia do senhor Victorio coincidiu com uma greve da ferrovia que funcionava apenas para trens de carga. De manhã, depois de uma noite mal dormida, sempre que eu o encontrava, ele dizia “não ouvi o apito dos trens; é, tudo se acaba”. Ele, que se fez adulto ouvindo os apitos dos trens, que identificava o desenvolvimento do estado à presença pujante da ferrovia, morria sem ouvir os apitos dos trens. A morte individual tragicamente compartilhava da morte de um modo de vida.

À guisa de conclusões

Pela memória, se reconstrói o passado, a história vivida da qual se sente saudade. As lembranças afloram quando se circula pelas ruas, quando se vêem os prédios, as pessoas. Afloram quando se sente um cheiro, quando se escuta um som, uma música, quando se vê um filme, um programa de televisão, quando se sonha e se relata o sonho. As lembranças afloram quando se encontram os amigos de longa data, com os quais se compartilharam acontecimentos do passado; afloram quando se encontram pessoas de geração mais nova e se quer deixar a elas, como herança, uma experiência de vida. O ponto de partida, portanto, é o presente. Mesmo quando sozinhos, os velhos partem daquilo que lhes falta no momento presente ou daquilo que se transformou. A fala dos velhos é quase sempre uma fala sobre a mudança mesmo que não fique explícita a comparação entre os tempos. Ao falar sobre o passado, fala-se sobre o presente. A fala dos velhos é sempre um discurso sobre o tempo. Nessa fala, os velhos, como é de se esperar, localizam no passado os tempos felizes. Localizam no passado as possibilidades e as origens daquilo de que se orgulham no presente: a cidade que cresceu, com prédios e bairros bonitos, a casa construída, a família criada. Localizam no passado a origem das conquistas tecnológicas atuais às quais não se referem explicitamente. Dessas coisas eles participaram ativamente, elas contém o seu trabalho, os seus sonhos, as suas conquistas, os seus medos, os seus afetos. Se a sociedade não festeja o desbravamento da terra e a sementeira, mas apenas a colheita, os velhos o fazem quando se encontram, quando escrevem e contam suas histórias. Destacam do passado os aspectos mais positivos, os momentos que trouxeram felicidade, alegria ou, quando não, que trouxeram aprendizados, que significaram conquistas.

tas. Quando se fala dos acontecimentos tristes, baixa-se a voz, fala-se por alusão ou mesmo se fala porque não é possível deixar de falar — não é possível deixar de falar na morte de um filho, na morte da companheira ou do companheiro e na solidão que invade as noites-. Mesmo assim, a tristeza está no presente: no passado, essas pessoas que se foram povoavam a vida e a cidade.

A noção de tempo está presente na idéia de comunidade geracional, no suceder de gerações, no nascer e no morrer. Há, no suceder de gerações, presentes a continuidade e a finitude do tempo. Homens e mulheres morrem, a humanidade continua. Pertencer a gerações distintas confere perspectivas diferentes para se “olhar”, se sentir, se aperceber de um tempo presente em que se vive. Gerações distintas têm incorporadas em si uma gama distinta de tempos e de experiências que qualificam o “olhar” e aos quais experiências e tempos novos vêm se integrar.

Os destaques feitos das narrativas, por pequenos que sejam, demonstram a importância dos grupos de referência e de apoio à memória. Se a memória associa-se ao sentimento de identidade, perder esses grupos de referência é arriscar esse mesmo sentimento. Trabalhar com a memória dos

velhos é estar o tempo todo a tatear a presença da morte, a lidar com o tempo que se esgota pela consumição do futuro e que se transforma, em um determinado momento, só em passado. Os desejos, os sonhos e as esperanças se transformam em recordações. Nos processos de mediação, a presença a morte nas lembranças dos velhos articularia o mundo dos mortos ao mundo dos vivos, o mundo do desconhecido ao mundo da intersubjetividade humana. Frente à iminência do desconhecido, do inelutável, permanece o apreço pelos que vamos deixar e a saudade se antecipa à própria ausência. Possivelmente é um momento doloroso de saudade absoluta: por aqueles que já se foram e nos preenchem a memória e por aqueles que deixaremos e que não sabemos se encontraremos um dia. No instante decisivo, em que a Natureza retorna triunfante sobre a sociedade, essa saudade absoluta nos expressa o que selecionamos, entre tudo o que poderíamos lembrar, para conferir sentido e significado à vida.

. Bibliografía

- AGOSTINHO, Santo (1973) "Confissões e De Magistro". In: *Santo Agostinho. Coleção Os Pensadores*, vol. 6. São Paulo, Abril Cultural.
- BENJAMIN, Walter (1975) "O Narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov". In: *Walter Benjamin. Coleção Os Pensadores*, vol. XLVIII. São Paulo Ed. Abril.
- BOBBIO, Norberto (1997) *O tempo da memória: de Senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio, Campus.
- BOSI, Eclea (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CANDIDO, Antonio (1993) *O discurso e a cidade*. São Paulo, Duas Cidades.
- DURKHEIM, Émile (1989) *As formas elementares da vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)*. São Paulo, Paulinas.
- _____ (1970) *Sociologia e Filosofia*. Rio, Forense.
- _____ (1973) *O suicídio. Estudo sociológico*. Portugal/Brasil, Editorial Presença/ Martins Fontes.
- _____ (1991) *A divisão do trabalho social*. Lisboa.. Presença..
- _____ (1963) *As regras do método sociológico*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- DUVIGNAUD, Jean (1990) "Prefácio". In: Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, Ed. Revista dos Tribunais
- ELIAS, Norbert (1989) *La soledad de los moribundos*, México,. Fondo de Cultura Económica
- FARR, Robert M. (2000) "Representações sociais: a teoria e sua história". In: GUARESCHI Pedrinho e JOVCHELOVITC, Sandra (org). *Textos em representações sociais*. Rio. Vozes
- HALBWACHS, Maurice (1952) *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, Presses Universitaires de France.
- _____ (1990) *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, Ed. Revista dos Tribunais.
- MANCUSO, Maria Inês (1998) "A cidade na memória de seus velhos. Estudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores". (tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo – Programa de Pós Graduação em Sociologia)
- MANNHEIM, Karl (1972) *Ideologia e utopia*. Rio, Zahar Editôres.
- _____ (1982) *Mannheim: Sociologia*. (org.: Marialice Foracchi). São Paulo, Ática.
- MAUSS, Marcel (1974) "As técnicas corporais". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP, 1974, vol. II
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (2000) "O conceito de representação dentro da Sociologia Clássica". In GUARESCHI Pedrinho e JOVCHELOVITC, Sandra (org). *Textos em representações sociais*. Rio. Vozes
- MONBEIG, Pierre (1984) *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo Hucitec/Polis.
- MUMFORD, Lewis (1982) *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Brasília. Martins Fontes/UNB.
- POLLACK, Michel (1989) "Memória, esquecimento, silêncio". In: *Estudos históricos*, Rio, APDOC, vol.2, n.3.
- _____ (1992) "Memória e identidade social". In: *Estudos históricos*. Rio, APDOC, vol. 5. n.10
- SEGNINI, Liliana R.Petrilli (1982) *Ferrovia e ferroviários*. São Paulo, Autores associados/ Cortez.